



O U m b r a l E x t e r n o

O Feminino e a Tradição

O S a g r a d o F e m i n i n o e a s R e l i g i õ e s
C o m p a r a d a s

M o r d e c h a i



Exotérico tem seus ritos e seus costumes baseados na religião externa, dessa forma é mais

importante o agir em conformidade com a ética, moral e costumes da religião do que a entender profundamente.

O Exotérico não é menor que o Esotérico, ele apenas ainda está na camada externa do Entendimento, isso aconteceu com todos aqueles que em algum momento decidiram penetrar os estudos com mais afinco, buscando instruir-se nos mistérios de sua religião, e uma vez que houvesse a entendido, naturalmente buscaria também entender as outras.

A etimologia da palavra exotérico está no grego para “relativo ao externo”:

- Vem do grego **ἐξωτερικός (exōterikós)**, derivado de **ἔξω (éxō)** que significa “fora, exterior”.
- Também com o sufixo **-ικός (-ikós)**, indicando “relativo a”.
- Assim, *exotérico* significa literalmente: “**relativo ao exterior**”.

Em oposição a *esotérico*, eram os ensinamentos públicos, abertos a qualquer pessoa, muitas vezes em linguagem mais acessível e adaptada.

Desta feita, o Esotérico é aquele relativo ao interno, não apenas da Religião, mas da Própria Realidade, a Madame Helena P. Blavastky, em sua obra *A Doutrina Secreta*, ensina:

“Não existe religião maior que a Verdade”

E essa é a busca sincera dos Esotéricos, a Verdade a cima de qualquer opinião ou religião.

É importante para o Peregrino entender essa diferença, afinal participará ele de círculos mais ajustados a sua busca, invariavelmente será chamado por parte dos membros do culto externo (Exotéricos) de herético, blasfemo, e todo um sortilégio de títulos que damos aqueles que são diferentes de nós (entenda-se nós como aqueles do culto externo).

Logicamente, aquilo que ignoro não deve existir, pensa o exotérico, e visto que há outro que entende de coisas que para mim não estranhas, logo essas coisas devem ser mentirosas ou mesmo heréticas.

Transcrição das Histórias das Deusas:

Inana

Discípulo, escuta com atenção, pois vou te narrar a história da Grande Senhora Inana, Rainha do Céu e da Terra, como se conta desde a antiga Suméria.

Inana é o brilho da estrela da manhã e da tarde, a Senhora de Vênus, que ascende e declina no horizonte. Ela é bela, terrível, poderosa. É a Deusa do amor e da guerra, do desejo e da destruição. Nela não há contradição, pois tudo que nasce do amor pode, também, se desfazer em guerra, e toda guerra pode gerar um novo começo.

Seu poder, no entanto, não lhe foi dado de graça.

Conta-se que Inana desceu até o deus da sabedoria, Enki, para tomar para si os me, os decretos divinos que regem as artes, os saberes, os ritos, as leis e a própria ordem do mundo. Com astúcia, ela embriagou o velho deus, e, quando ele já não distinguia a bebida da verdade, conquistou os me e os levou para sua cidade de Uruk. Foi assim que Inana se tornou guardiã do conhecimento sagrado e Senhora das civilizações.

Mas a história mais profunda de Inana é a de sua descida ao Mundo Inferior.

Inana, movida por um desejo ardente de conhecer o que jaz além da vida, decidiu descer ao domínio de sua irmã, Ereshkigal, Rainha do Submundo. Para atravessar os sete portais do mundo inferior, a deusa teve que se despir de seus ornamentos e poderes: a coroa, o colar, o cetro, até ficar nua, sem defesa, diante do trono da morte.

Ali, Ereshkigal a fulminou com o olhar e Inana foi transformada em um cadáver, pendurada em um gancho.

Durante três dias e três noites, a Rainha do Céu ficou suspensa entre a vida e a morte, e todo o cosmos estremeceu, pois sem o brilho de Inana, o amor, a fertilidade e o desejo minguaram. Então, com a ajuda de Enki, pequenos seres foram enviados ao Submundo, que, ao não julgarem nem consolarem Ereshkigal, mas simplesmente escutarem sua dor, obtiveram dela o presente da vida. Assim, Inana renasceu e ascendeu novamente.

No entanto, discípulo, a lei do Submundo é rígida: ninguém retorna sem deixar alguém em seu lugar. Inana deveria oferecer um substituto. Quando voltou à Terra, percorreu as cidades e encontrou seu amado, Dumuzi, vestido em roupas de esplendor, sentado em seu trono, sem luto por sua ausência. Sua fúria foi tão grande que entregou-o aos demônios do Submundo. Ainda assim, por compaixão, permitiu

O Feminino e a Tradição

que ele e sua irmã se revezassem: metade do ano ele habita o mundo dos mortos, metade retorna aos vivos, trazendo consigo o ciclo das colheitas e da vida renovada.

Assim, Inana nos ensina que o poder não se herda, conquista-se; que a morte não é o fim, mas passagem; e que a fertilidade e o amor estão entrelaçados com o sacrifício e a descida às trevas.

Inana é a Senhora do caminho duplo: luz e sombra, prazer e dor, vida e morte. E o discípulo que contempla seu mistério deve aprender que não há ascensão sem descida, nem plenitude sem renúncia.



Ninhursag

Discípulo, aproxima-te mais uma vez, pois agora falaremos de uma Senhora diferente de Inana,

mas igualmente antiga e venerável: **Ninhursag**, a Grande Mãe, a Senhora da Montanha Sagrada.

Se Inana é a estrela fulgurante e ardente, Ninhursag é a Terra firme que sustenta, a Mãe paciente que nutre e dá forma a tudo. Seu nome significa “Senhora da Montanha” — e a montanha, discípulo, é o lugar onde o Céu toca a Terra, onde o divino desce e o humano ascende.

Ela é chamada também de **Ki**, o próprio ventre da Terra, e de **Nintu**, a Senhora que dá à luz. Enquanto Inana reina sobre a paixão e o combate, Ninhursag guarda o mistério do nascimento, da nutrição e da continuidade da vida.

Conta-se que Ninhursag moldou os primeiros homens do barro, misturando argila com o sopro dos deuses. Ela é a que gera não só os seres humanos, mas os animais, as plantas, os próprios deuses, pois é o seio inesgotável de onde tudo brota.

Em uma antiga narrativa, Enki, o deus das águas e da sabedoria, espalhou sua semente por toda a criação: fecundou plantas, rios, até os próprios animais. O mundo floresceu com abundância, mas também com excesso. Ao ver isso, Ninhursag indignou-se e amaldiçoou Enki, retirando sua bênção, e ele adoeceu gravemente. Seus órgãos começaram a definhar, e a própria ordem da vida ameaçava ruir.

Por fim, os deuses imploraram à Grande Mãe que tivesse compaixão. Ninhursag se apiedou e o tomou em seus braços. Para cada órgão enfermo, ela concebeu uma deidade curadora, restaurando-lhe a saúde e devolvendo o equilíbrio ao mundo. Assim ela mostrou que tudo que é excessivo fere a vida, mas no equilíbrio da Mãe encontra-se a cura.

Discípulo, observa o ensinamento:

Ninhursag é a **Mãe primordial**, que cria, nutre e sustenta, mas também corrige e disciplina.

Ela não é apenas bondade doce, mas também a força que impõe limites, pois sem medida não há vida, só desordem.

Se Inana ensina a descida e a ascensão, Ninhursag nos ensina o ciclo de gestar, parir, nutrir, corrigir e renovar.

Por isso, os antigos lhe erguiam templos nas colinas e nos campos, pedindo a bênção das colheitas, a fertilidade das mulheres e dos rebanhos, a saúde dos homens e o equilíbrio da terra.

Ninhursag, discípulo, é a lembrança de que toda vida é filha da Terra, e que retornar ao seu ventre é voltar à origem. Quem honra a Senhora da Montanha aprende a humildade, pois diante dela somos todos crianças amamentadas no mesmo seio.

Nammu

Discípulo, senta-te e aquieta o coração, porque agora vou te falar de uma Deusa ainda mais

antiga do que Inana e Ninhursag, uma que vem antes dos próprios deuses e antes do mundo que conhecemos: **Nammu**, o Mar Primordial.

Enquanto Inana é o fulgor do amor e da guerra, e Ninhursag é a Mãe que molda a vida no ventre da Terra, **Nammu é o oceano sem margens, o abismo das águas, a origem de tudo o que é.**

Os sábios da antiga Suméria diziam que, no princípio, não havia céu, não havia terra, não havia homens nem deuses. Havia apenas Nammu, a grande extensão líquida, a matriz informe. Dela emergiram as primeiras montanhas, os rios, as correntes do sopro divino. Dela nasceu o próprio céu e a própria terra, pois foi Nammu quem gerou An (o Céu) e Ki (a Terra).

E não só isso: quando chegou o momento de formar o ser humano, foi Nammu quem orientou. Ela instruiu o deus Enki a tomar a argila da margem dos rios e a moldar os homens, para que servissem aos deuses e compartilhassem da ordem cósmica. Por isso, discípulo, cada ser humano tem em si não apenas o barro da Terra, mas também a umidade primordial do Mar sem fim.

Vê, portanto, o mistério:

Nammu é o **útero cósmico**, onde tudo repousava antes de ser, e de onde tudo continua a brotar.

Ela não é apenas a água que nutre, mas também a vastidão insondável, que não tem forma, nem limite, nem fim.

Onde Ninhursag é mãe da vida manifestada, Nammu é mãe da própria possibilidade da vida.

Os antigos não a cultuavam em templos da mesma forma que as outras deusas, porque sua natureza é vasta demais para ser encerrada em pedra ou imagem. Ela era honrada nos rios, nos lagos, nas marés, na memória dos abismos de onde tudo surgiu.

Discípulo, o ensinamento é claro:

Antes da forma, existe o sem-forma.

Antes da vida, existe o ventre oculto.

E antes do teu primeiro suspiro, havia o silêncio do oceano primordial.

Assim como o homem deve aprender com Inana a descer e ascender, e com Ninhursag a nascer e renascer, deve também aprender com Nammu a mergulhar no vazio das origens, onde o Eu se dissolve e o Todo repousa.

Pois aquele que contempla Nammu, contempla a fonte onde todas as águas voltam a se reunir.

Ishtar

Hoje vou te falar de uma Deusa cujo nome ecoou em muitos povos, cruzando desertos e

impérios: **Ishtar**, a Senhora do Amor e da Guerra, a que herdou os atributos da suméria Inana e os levou adiante na tradição acadiana, babilônica e assíria.

Enquanto Inana nasceu em Uruk, entre templos e mitos primeiros, Ishtar caminhou pelos séculos, sendo invocada por reis e soldados, por amantes e sacerdotisas. Ela é a mesma Estrela da Manhã e da Tarde, o planeta Vênus, mas em sua face babilônica se tornou ainda mais terrível e majestosa.

Ishtar é o desejo ardente que queima os corações, é a beleza que atrai e desarma, mas também a mão que ergue a espada e marcha com os exércitos. Nela se encontram o prazer e o perigo, o êxtase e a ruína. Assim como a estrela de Vênus, que surge luminosa e depois se oculta, Ishtar aparece e desaparece, oferecendo delícia e impondo perda.

Conta-se que muitos reis buscaram seu favor, mas também sofreram sua fúria. Pois aqueles que ousaram ser seus amantes — homens ou deuses — muitas vezes conheceram a desgraça. O pastor Tammuz (Dumuzi, na língua suméria), seu amado, foi arrastado ao Submundo, e dela partiu o lamento que se tornou canto eterno. Ishtar ama com intensidade divina, mas seu amor consome, não se deixa prender.

Como Inana, também **Ishtar desceu ao Mundo Inferior**. Ela enfrentou as sete portas do reino de sua irmã Ereshkigal, despindo-se de coroa, véu e ornamentos, até ficar nua, exposta, diante da Morte. Ali foi humilhada, golpeada e presa. E enquanto ela esteve no Submundo, discípulo, todo o mundo definhou: nem homem, nem animal, nem planta florescia, pois sem a força de Ishtar não há fecundidade nem vigor.

Mas a ordem cósmica exigiu sua volta, e como sempre, o retorno tem preço: alguém deveria substituí-la. Seu olhar caiu sobre Tammuz, que não chorava sua ausência, e ele foi condenado a descer em seu lugar, iniciando o ciclo das estações, a alternância entre a fertilidade e a aridez, a vida e a morte.

Discípulo, aprende com Ishtar:

Ela ensina que **o amor divino é fogo**, que aquece e ilumina, mas também consome e destrói.

Que a vida exige ciclos de presença e ausência, abundância e perda.

Que a força feminina não é apenas o útero que gera, mas também a lança que fere, porque o amor verdadeiro não é frágil, é indomável.

Ishtar foi invocada em templos grandiosos, em Uruk, Babilônia e Nínive. As sacerdotisas a serviam com ritos de fertilidade, e os reis guerreavam em seu nome, acreditando que sua presença lhes daria vitória. Seu culto atravessou os séculos, até ser lembrada como Astarte entre os fenícios e, mais tarde, transformada nas memórias das tradições posteriores.

Discípulo, olha bem: em Inana vemos a jovem que conquista os **me** e ousa descer ao Abismo; em Ninhursag vemos a Mãe que molda e sustenta; em Nammu, o Oceano primordial. Mas em **Ishtar vemos a Deusa que uniu em si o céu e o campo de batalha, o leito e o trono, a estrela e a espada.**

Quem contempla Ishtar deve aprender a força do desejo, mas também a responsabilidade de lidar com a chama que pode aquecer ou devorar.



Tiamat

Discípulo, agora vou te contar uma das histórias mais antigas e temidas, aquela que fala não

apenas de uma deusa, mas do próprio **caos primordial** que antecede a ordem do mundo. Presta atenção, pois o nome dela é **Tiamat**, o Grande Mar, a Serpente dos Abismos.

Antes do céu, antes da terra, antes dos deuses que conhecemos, havia apenas duas forças: **Apsu**, as águas doces, e **Tiamat**, as águas salgadas, vastas, profundas e revoltas. Do encontro dessas águas nasceu a primeira geração de deuses. Mas, como filhos inquietos, os deuses fizeram barulho, causaram tumulto, e Apsu decidiu destruí-los.

Tiamat, a princípio, tentou proteger os filhos, mas quando Apsu foi morto por Ea (Enki), a fúria da Mãe se acendeu. Ela não permaneceu mais como o mar sereno: transformou-se em **dragão terrível**, em corpo de serpente e boca de abismo. Criou legiões de monstros, serpentes com veneno, dragões com chamas, escorpiões e ventos mortais, e ergueu-se contra a nova geração de deuses.

Os deuses tremeram, discípulo, pois a Mãe do Caos não podia ser vencida com facilidade. Então chamaram o jovem **Marduk**, deus da tempestade. Ele aceitou lutar, mas com uma condição: que, se vencesse, se tornaria o soberano dos céus e da terra. Os deuses aceitaram, e Marduk se armou com arco, flechas, rede e o terrível vento do sul.

O combate foi colossal. Tiamat avançou, abrindo sua boca imensa para devorá-lo. Mas Marduk lançou a rede, prendeu-a, e com o vento fez sua barriga inflar. Nesse instante, disparou sua flecha e rasgou-lhe o coração. Tiamat tombou, e de seu corpo o jovem deus criou o mundo:

- com uma metade formou o céu,
- com a outra metade, a terra.

Assim, discípulo, o cosmos nasceu do corpo despedaçado da Grande Mãe. As águas do caos se transformaram em ordem, mas a lembrança do abismo nunca se perdeu.

O ensinamento que os antigos viam aqui é profundo:

- O **cosmos é construído sobre o caos**, e a vida só existe porque a desordem foi dominada, não aniquilada.
- Tiamat não é apenas inimiga: ela é a **matriz de tudo**. Sem sua vastidão salina, não haveria matéria para o céu nem para a terra.
- E mesmo derrotada, continua viva nas águas que circundam o mundo, lembrando que a ordem é sempre frágil diante do abismo eterno.

Discípulo, guarda isto: Tiamat é o aspecto do **divino como terror e infinitude**. Ela nos ensina que a origem não é calma nem bondosa, mas poderosa e indomável. Quem contempla Tiamat deve compreender que o mundo em que vive é apenas um arranjo temporário, uma frágil ilha erguida sobre as águas do caos.

O Feminino e a Tradição

Por isso, os reis da Babilônia recitavam o *Enuma Elish* nas festas do ano novo, para recordar que Marduk havia domado Tiamat e renovado a ordem, mas também para lembrar que o caos nunca está distante.



Vesta

Diferente de Inana ou Ishtar, que eram terríveis e ardentes como o desejo, Vesta é discreta,

silenciosa, e justamente por isso central. Ela não aparece em batalhas, não busca amantes, não exige grandes mitos de violência ou de paixão. Sua força é outra: é a do **fogo que não se apaga**, da chama que sustenta a vida do lar, do templo, da própria cidade.

Vesta é equivalente à Héstia dos gregos, mas em Roma ganhou lugar de destaque no coração da vida civil. No **Templo de Vesta**, no Fórum Romano, ardia a chama sagrada, que jamais podia se extinguir. Pois acreditavam os romanos que enquanto a chama de Vesta permanecesse acesa, Roma permaneceria de pé.

As suas sacerdotisas eram as **Vestalinas**, escolhidas ainda meninas, consagradas ao serviço da deusa por trinta anos. Viviam em castidade, não porque Vesta rejeitasse a vida, mas porque o seu papel era preservar o fogo puro, sem divisões de lealdade, dedicadas somente à guarda da chama e dos ritos. Caso alguma quebrasse seu voto, era punida com a morte, enterrada viva, pois trair Vesta era trair o próprio destino da cidade.

Discípulo, observa o contraste:

Enquanto Inana ou Ishtar ensinam pela descida e pela guerra, Vesta ensina pelo **silêncio e pela constância**.

Sua chama é pequena, não é o raio de Júpiter, não é o incêndio da guerra. É a chama do lar, a que aquece, cozinha, reúne. É discreta, mas essencial.

Ela mostra que o sagrado não está apenas nas alturas ou nos abismos, mas também no **centro da casa**, no fogo que nunca deve se apagar dentro de nós.

Os romanos veneravam Vesta no início das refeições, nas fundações das casas, nas assembleias do Estado. Todo lar tinha um pequeno fogo em sua honra, porque sem ela não havia calor, comunhão, nem continuidade.

Assim, discípulo, o ensinamento de Vesta é este:

Guarda teu fogo interior, não deixes que se apague.

Mantém a disciplina e o cuidado com as pequenas coisas, pois é nelas que se sustenta o mundo.

Aprende que o sagrado não está apenas nos deuses guerreiros e nas deusas do desejo, mas também na chama calma que ilumina em silêncio.

Vesta é a Senhora da permanência. E quem aprende com ela descobre que nem sempre o poder é barulhento — às vezes, o poder é justamente a chama que nunca se extingue.

Ísis

Discípulo, fecha os olhos e imagina que estamos às margens do Nilo, entre colunas de pedra e

templos que se erguem diante do sol nascente. Aqui vou te contar a história de **Ísis**, a Grande Senhora, a Mãe dos Deuses, aquela que os egípcios chamavam de *Auset*.

Ísis nasceu da linhagem divina, filha da terra e do céu, mas sua grandeza não está apenas na origem, e sim nos feitos que realizou. Ela foi esposa fiel, irmã devotada, mãe amorosa e, acima de tudo, **feiticeira poderosa**, cujo coração jamais se separou do povo que a venerava.

Conta-se que seu esposo, Osíris, foi rei justo que ensinou os homens a plantar, colher e viver em paz. Mas seu irmão, tomado de inveja, tramou sua morte. Num banquete, armou uma arca belíssima, feita sob medida para o corpo de Osíris. Quando ele deitou dentro, a tampa foi fechada e selada com chumbo. O corpo foi lançado às águas e levado para longe.

Ísis chorou em silêncio, mas não se entregou ao desespero. Com paciência e determinação, percorreu terras estrangeiras até encontrar o corpo amado. Deu-lhe sepultura, escondendo-o para preservá-lo. Mas novamente o inimigo descobriu, e em fúria despedaçou o corpo de Osíris em muitas partes, espalhando-as pelo Egito.

Discípulo, aqui se revela a grandeza de Ísis: ela não desistiu. Percorreu todo o país, rio acima, rio abaixo, recolhendo os fragmentos de seu amado. Com suas próprias mãos recompôs o corpo, e com seus encantamentos, soprou-lhe o sopro da vida. Assim, por sua devoção e magia, Osíris renasceu no reino além do véu, tornando-se senhor da eternidade.

Mas Ísis ainda realizou um feito maior: unida a Osíris já não em corpo, mas em espírito, concebeu o filho Hórus. Ela o gestou em segredo, e o criou entre os pântanos, protegendo-o com seus feitiços, guardando-o das serpentes e das forças hostis.

Discípulo, entende o ensinamento:

Ísis é a **força da fidelidade e da perseverança**. Quando tudo está em pedaços, ela recolhe e recompõe.

Ela é a **mãe que protege e ensina**, pois em seus braços Hórus cresceu para vingar o pai e restaurar a justiça.

Ela é a **senhora da magia e da cura**, aquela que conhece o nome secreto dos deuses e sabe pronunciar as palavras que abrem portas invisíveis.

O povo do Egito a honrava como a mais próxima do coração humano. Não era apenas uma rainha distante, mas a mãe que compreendia a dor dos homens, a esposa que sabia da perda, a mulher que transformava lágrimas em força.

Por isso, discípulo, guarda dentro de ti a lição de Ísis:
Quando o mundo se despedaçar, sê aquele que recolhe os fragmentos.
Quando a vida parecer silenciar, lembra que há um sopro escondido que pode devolver o movimento.
E quando fores provado, não esqueças que a paciência, a devoção e a firmeza da alma são mais fortes que qualquer espada.

Pois Ísis, a Grande Mãe, permanece viva em cada gesto de amor que se recusa a morrer.

—



Vênus de Willendorf: 28.000 à 25.000 a.C

A **Vênus de Willendorf** é uma das mais famosas estátuas do chamado *período paleolítico superior*. Ela foi descoberta em 7 de agosto de **1908**, pelo arqueólogo Josef Szombathy, perto da cidade de Willendorf, na Áustria, às margens do rio Danúbio.

A peça

- Esculpida em **calcário oolítico**, um tipo de pedra que não existe na região (o que sugere que foi trazida de outro lugar).
- Mede apenas **11 cm de altura**.
- Foi originalmente coberta com **ocre vermelho**, um pigmento associado a ritos de fertilidade e vida.

A representação

A estátua mostra uma figura feminina com:

- **seios grandes e ventre volumoso**;
- **quadril largos** e pernas grossas;
- **ausência de rosto detalhado** — a cabeça é coberta por uma espécie de touca ou trança em espiral;
- **braços pequenos**, apoiados sobre os seios.

Essas características indicam que a escultura não era um retrato individual, mas um **símbolo**, provavelmente ligado à fertilidade, à abundância e à continuidade da vida.

Interpretações

1. **Deusa da Fertilidade**: muitos arqueólogos e historiadores veem nela uma expressão primitiva do *Sagrado Feminino*, a Grande Mãe que gera e nutre.
2. **Amuleto ou talismã**: pode ter servido como objeto portátil para caçadores-coletores, representando proteção, fertilidade do grupo e sucesso na caça.
3. **Ideal de beleza do período**: sugere que os corpos volumosos eram associados à sobrevivência, abundância de alimento e saúde em tempos de escassez.
4. **Objeto ritual**: o ocre vermelho e o tamanho portátil podem indicar uso em cerimônias ou ritos de passagem.

Importância

A Vênus de Willendorf é uma das mais antigas representações humanas conhecidas (c. **28.000–25.000 a.C.**). Ela faz parte de um conjunto de estatuetas semelhantes chamadas "**Vênus paleolíticas**", encontradas em várias partes da Europa, sempre com ênfase em atributos ligados à fertilidade.

Hoje, ela está exposta no **Museu de História Natural de Viena**, e continua sendo um dos símbolos mais fortes da arte pré-histórica e da presença do *sagrado feminino* desde os primórdios da humanidade.

Inanna – Suméria 4.000 à 2.000 a.C

A história de **Inanna** é uma das mais antigas narrativas mitológicas preservadas pela humanidade, vinda da **Suméria** (Mesopotâmia, atual Iraque), cerca de 4.000–3.000 a.C. Ela é uma deusa complexa, ligada ao **amor, fertilidade, sexualidade, guerra, justiça e ao ciclo da vida e da morte**.

Quem era Inanna

- Na Suméria, era chamada **Inanna**; na Acádia e Babilônia, passou a ser conhecida como **Ishtar**.
- Era representada como uma deusa de extrema beleza e poder, mas também ambígua: **doadora da vida e destruidora**.
- Seu símbolo é a **estrela de oito pontas**, associada a Vênus (a estrela da manhã e da tarde).

Mitos Principais

A Descida ao Mundo Inferior

Este é o mito mais célebre de Inanna.

- Inanna decide descer ao **Kur** (o submundo), governado por sua irmã **Ereshkigal**, a sombria Rainha da Morte.
- Para entrar, deve atravessar **sete portais**, e em cada um deles precisa **retirar uma veste ou ornamento**, até ficar nua e despojada de todo poder.
- Ao chegar diante de Ereshkigal, é **condenada e morta**. Seu corpo é pendurado como um pedaço de carne em um gancho.
- Após três dias, com ajuda de Enki (o deus da sabedoria), seres mágicos conseguem ressuscitá-la e trazê-la de volta à vida.
- Porém, para retornar, Inanna precisa indicar alguém para ocupar seu lugar no inferno. Ela escolhe seu consorte **Dumuzi (Tammuz)**, que estava vivendo no luxo sem lamentar sua ausência. Ele é levado ao mundo inferior, iniciando o ciclo das estações: metade do ano ele está no submundo (inverno) e metade retorna (primavera e fertilidade).

Esse mito é um dos **primeiros relatos de morte e ressurreição** da tradição humana.

2. A Conquista dos Me

Os **Me** eram as leis divinas, princípios que regem a civilização (realeza, sabedoria, música, justiça, artes, etc.).

- Inanna, ambiciosa, vai até **Enki**, o deus da sabedoria, e o embriaga.
- Aproveitando-se disso, consegue arrancar dele os *Me* e leva-os para Uruk, sua cidade, consolidando-se como guardiã da civilização.

O Feminino e a Tradição

Aqui, Inanna é vista como aquela que **traz a cultura e a ordem aos homens**.

3. Amor e Guerra

Inanna é também a deusa dos **prazeres sexuais e do êxtase erótico**, mas igualmente dos **conflitos sangrentos**.

- Em muitos hinos, ela é descrita como uma amante ardente de Dumuzi.
 - Em outros, aparece liderando batalhas, representando tanto a **criadora da vida quanto a destruidora de impérios**.
-

Sentido Espiritual

- **Inanna como arquétipo da Grande Mãe**: contém a dualidade do feminino — nutridor e terrível, amoroso e destrutivo.
- **Descida e retorno**: é um mito de iniciação, representando a morte simbólica do ego e a transformação espiritual.
- **Ciclo da natureza**: sua união e separação de Dumuzi simbolizam as estações, o plantar e colher, a vida e a morte.
- **Busca de poder e conhecimento**: no mito dos *Me*, vemos a deusa como portadora da civilização, lembrando Prometeu na mitologia grega.

Ishtar (ou Inanna)

- **Origem**: É a continuação/acadização de Inanna, deusa suméria.
- **Domínios**: Amor, fertilidade, sexualidade, beleza, mas também guerra, destruição e justiça.
- **Símbolo**: Estrela de 8 pontas, associada a Vênus, o planeta que é visível tanto ao amanhecer quanto ao entardecer.
- **Personalidade**: Contraditória e completa. Pode ser amante generosa e guerreira implacável, portadora de vida e destruidora de cidades.

Principais mitos

1. Descida ao Submundo

- Ishtar desce ao mundo inferior, governado por sua irmã Ereshkigal.
- Precisa atravessar sete portais, entregando uma peça de sua vestimenta ou ornamento em cada um (até ficar nua, sem poder).
- Morre e fica suspensa como cadáver, até que é ressuscitada e retorna, trazendo consigo o ciclo da vida e da morte.
- Seu consorte Tammuz (Dumuzi) é enviado em seu lugar por parte do ano, explicando o ciclo das estações.

2. Deusa da guerra e do amor

- Era invocada tanto em ritos de fertilidade quanto antes de batalhas.
- Textos a descrevem como envolta em paixão e também em sangue, mostrando a ambiguidade do feminino divino.

→ Em Ishtar, temos a deusa civilizadora e destruidora, profundamente humana, ligada ao desejo, à paixão e ao poder.

- Nammu – Suméria 4.000 à 2.000 a.C

- Na mitologia suméria, Nammu é a **Grande Mãe primordial**, a **deusa do oceano primordial**.
- Representa as **águas sem forma** que existiam antes de céu e terra.
- Muitas vezes, é associada ao **abismo cósmico** (*abzu*), fonte de toda vida.

Ela é uma deusa **anterior à criação** e, em certo sentido, a raiz do próprio cosmo.

O Mito da Criação

1. **No princípio**, havia apenas Nammu, o mar primordial infinito.
2. Dela surgiu a primeira separação cósmica:
 - **An** (o Céu)
 - **Ki** (a Terra)
3. Nammu, como Mãe das Origens, também é a **mãe de Enki (Ea)**, o deus da sabedoria, águas doces e magia.
4. Quando os deuses menores estavam sobrecarregados com trabalho, foi **Nammu quem aconselhou Enki** a criar os **humanos** para aliviar a carga divina.
 - Ela moldou os corpos de barro.
 - Enki insuflou neles a vida.

Por isso, Nammu é vista como a **co-criadora da humanidade**.

Significado

- **Água primordial**: Nammu representa o caos original, mas também o potencial de onde tudo nasce.
- **Mãe cósmica**: é anterior até mesmo à ordem divina, lembrando Tiamat (na Babilônia) ou o Nun (no Egito).
- **Esquecida com o tempo**: nas eras seguintes, seu culto foi sendo substituído ou absorvido pelas figuras de Inanna, Ninhursag e Tiamat. Mas Nammu continua sendo um dos **arquetipos mais puros da Deusa Mãe**.

O Feminino e a Tradição

Paralelos

- Com **Tiamat** (babilônica): ambas são as águas primordiais, mas Nammu é mais maternal, enquanto Tiamat ganha contornos de caos e monstros.
- Com o **Nun** egípcio: o oceano primordial de onde o mundo surge.

Nammu é, em resumo, a **Deusa do princípio absoluto**, aquela que está antes do tempo, antes da luz, antes da ordem — o ventre eterno de onde cosmos e humanidade emergem.

Tiamat

- **Origem:** Mitologia **babilônica**, especialmente o épico da criação, o **Enuma Elish**.
- **Domínios:** Oceano primordial, caos, escuridão, abismo do qual tudo nasce.
- **Natureza:** Diferente de Ishtar, que é ligada à vida social e emocional, Tiamat é **cosmogônica** — ela é o próprio útero do universo.

O mito do Enuma Elish

1. **No princípio**, havia apenas Tiamat (águas salgadas) e Apsu (águas doces).
2. Da união deles nasceram os primeiros deuses.
3. Esses jovens deuses causaram desordem, irritando Apsu, que quis destruí-los.
4. Ea (Enki) matou Apsu.
5. Enfurecida, Tiamat gerou **monstros** (dragões, serpentes, homens-escorpião) para guerrear contra os deuses.
6. O jovem deus **Marduk** aceita enfrentá-la, com a condição de se tornar soberano supremo.
7. Ele luta contra Tiamat, lança sua rede, prende-a e com seu arco a mata, partindo seu corpo em dois:
 - Com uma metade, faz o **céu**.
 - Com a outra, faz a **terra**.

Tiamat representa o **caos primordial** — não apenas destruição, mas também a matéria bruta a partir da qual o cosmos é criado.

Ísis – Egito 3.000 a.C

Origem

- **Civilização:** Egito Antigo.

- **Aparição histórica:** registros iniciais sugerem que Ísis já era adorada **por volta de 3000 a.C.**, possivelmente desde o início da **Primeira Dinastia do Egito**.
 - **Função inicial:** deusa da fertilidade, maternidade, magia e proteção.
 - **Nome egípcio:** *Aset* ou *Auset*.
-

Família e Mitologia

- **Pais:** Geb (terra) e Nut (céu).
 - **Irmão/Marido:** Osíris.
 - **Filho:** Hórus.
 - Ísis formava a tríade central de culto: **Osíris-Ísis-Hórus**, representando morte, vida e regeneração, respectivamente.
-

Mitos Principais

1. O assassinato de Osíris

- Osíris foi morto e desmembrado pelo irmão **Seth**, deus do caos e da desordem.
- Ísis **viajou por todo o Egito** recolhendo as partes do corpo de Osíris, usando sua **magia poderosa** para reconstruí-lo e ressuscitá-lo temporariamente.
- Dessa união nasce **Hórus**, que mais tarde vingaria o pai e restauraria a ordem.

2. Deusa da magia e proteção

- Ísis era **invocada em rituais de cura**, feitiços e proteção dos mortos.
- Tornou-se símbolo do **poder feminino ativo**, capaz de interceder e transformar situações.
- Seu “nó de Ísis” (*tyet*) era um amuleto de proteção semelhante ao Ankh.

3. Culto e difusão

- Durante o **Império Novo (c. 1550–1070 a.C.)**, Ísis ganhou destaque em templos por todo o Egito, especialmente **Fílae** e **Hélio pole**.
 - No período **ptolomaico (332–30 a.C.)**, seu culto se expandiu para todo o Mediterrâneo, chegando à **Grécia e Roma**.
 - Sua adoração chegou ao auge com os **mistérios de Ísis**, um culto de iniciação que oferecia **promessa de vida após a morte e proteção divina**.
-

Decaimento

- Com a **expansão do Cristianismo** no Império Romano (séculos IV–V d.C.), o culto a Ísis começou a desaparecer.
 - Muitos templos foram fechados ou destruídos, e seu simbolismo foi absorvido ou demonizado em tradições posteriores.
 - Apesar disso, elementos de Ísis sobreviveram na **iconografia da Virgem Maria**, na magia hermética e na literatura esotérica.
-

Significado Arquetípico

- Ísis representa o **Sagrado Feminino como força restauradora**, mediadora entre vida e morte, magia e proteção.
- Sua magia não é destrutiva; ela **ativa a regeneração**.
- Arquétipo da **mãe, esposa e sábia protetora**, mas também da **mulher que age, busca e transforma o mundo**.

Nut – Egito – 3.000 a.C

Quem é Nut

- **Civilização:** Egito Antigo.
 - **Função:** deusa do **céu, estrelas e proteção**.
 - **Nome egípcio:** *Nut* ou *Nwt*.
 - Ela é uma das divindades mais antigas do panteão egípcio, adorada já **cerca de 3000 a.C.**, nas primeiras dinastias do Egito.
-

Família e Mitologia

- **Pais:** frequentemente considerada filha de Shu (ar, ar seco) e Tefnut (umidade).
 - **Marido:** Geb, o deus da Terra.
 - **Filhos:** Osíris, Ísis, Seth e Néftis — a famosa família que forma a base da cosmogonia egípcia.
 - Nut cobre a Terra (Geb) com seu corpo arqueado, enquanto Shu a sustenta. Seu corpo é muitas vezes pintado com **estrelas**, representando o céu noturno.
-

Mitos Principais

1. Nut e o nascimento diário do Sol

- Nut devora o Sol (Ra) ao anoitecer, trazendo a **noite**.

O Feminino e a Tradição

- Ela dá à luz o Sol novamente pela manhã, simbolizando **renovação e continuidade**.
- Isso mostra Nut como **mediadora entre morte e vida**, conectando a passagem do tempo e os ciclos da natureza.

2. Proibição de nascer durante o ano

- Um mito conta que Ra amaldiçoou Nut, impedindo que ela desse à luz qualquer filho durante os 360 dias do ano.
- Thoth (deus da sabedoria e da lua) desafia Ra e consegue **adicionar cinco dias extras** ao calendário, nos quais Nut dá à luz Osíris, Ísis, Seth, Néftis e, em algumas versões, Hórus o Velho.
- Esses dias extras são chamados de **“dias epagômenos”**, celebrando nascimento e renovação.

3. Nut como protetora

- Ela protege os mortos, envolvendo-os com seu corpo celestial, assim como cobre a Terra com o céu.
- Seu papel é tanto **cosmológico** (sustentando o universo) quanto **espiritual** (guardando a passagem para o outro mundo).

Significado Arquetípico

- Nut é o **Sagrado Feminino como céu e abrigo**, maternidade universal e proteção cósmica.
- Ela conecta **céu, terra e submundo**, sendo parte de todos os ciclos de vida, morte e renascimento.
- Representa o **infinito e o sagrado acima de nós**, aquele que sustenta e envolve, mas também permite passagem e transformação.

Shakti – Índia 1.500 à 500 a.C

- **Origem:** Índia, tradição védica e posterior desenvolvimento nos **Upanishads e Puranas**.
- **Significado do nome:** “Energia”, “Poder” ou “Força”.
- Shakti **não é apenas uma deusa específica**, mas o **princípio feminino que anima todo o cosmos**. Ela é **energia dinâmica**, oposta e complementar à consciência (*Shiva*).

Natureza e Função

- **Energia cósmica:** Shakti é o poder ativo do universo, a força que faz a criação, sustentação e destruição do mundo acontecer.
- **Devi**
- **Aspectos múltiplos:** manifesta-se em várias deusas, como:
 - **Parvati** – esposa de Shiva, símbolo de devoção e amor.
 - **Durga** – guerreira que destrói demônios e restaura a ordem.

- **Kali** – destruição radical do ego e transformação.
 - **Lakshmi** – riqueza, prosperidade e fortuna.
 - **Sarasvati** – sabedoria, arte e música.
-

Mitos Principais

1. Shiva e Shakti

- Shiva, a consciência pura, é **inativo sem Shakti**.
- Shakti representa a **força da ação**, enquanto Shiva representa a **consciência estática**.
- Sem Shakti, não há criação; juntos, eles simbolizam o **equilíbrio entre energia e consciência**.

2. Durga e Mahishasura

- O demônio Mahishasura, que personifica o caos, não podia ser derrotado por nenhum deus masculino.
- Shakti se manifesta como **Durga**, uma deusa guerreira com múltiplos braços, montada em um leão ou tigre, portando armas de todos os deuses.
- Ela derrota o demônio, simbolizando a **supremacia da energia feminina sobre o desequilíbrio e a ignorância**.

3. Kali e a destruição do ego

- Shakti se manifesta como Kali, escura e terrível, dançando sobre o corpo de Shiva.
 - Kali destrói tudo que é ilusório, inclusive o ego, para revelar a **realidade última e a libertação espiritual**.
-

Significado Espiritual

- Shakti é o **princípio ativo e criativo**: energia que dá vida, movimento e transformação.
- Representa o **poder do feminino divino que sustenta o universo** — criação, preservação e destruição.
- Arquétipo da **Deusa como força viva**, que não se limita a amor ou fertilidade, mas inclui guerra, transformação, sabedoria e transcendência.

Deusas Gregas -

Gaia

- **Origem**: Grécia, mitologia pré-olímpica, relatos datando de **c. 2000–1500 a.C.** (mitos proto-helênicos).
- **Função**: Deusa da **Terra primordial**, mãe de todos os deuses e titãs.
- **Família**:
 - Sozinha, gerou Urano (Céu), os Titãs, ciclopes e outros seres primordiais.

O Feminino e a Tradição

- **Significado:**
 - Arquétipo da **Mãe Terra**, fonte da vida e sustento do cosmos.
 - Representa fertilidade, estabilidade, abundância e a força vital que sustenta tudo.
-

Reia

- **Origem:** Grécia, Titânide da geração olímpica, ligada à **geração de deuses e continuidade familiar**.
 - **Função:** Deusa da **fertilidade, maternidade e proteção de filhos**.
 - **Família:**
 - Esposa de Cronos, mãe de Zeus, Poseidon, Hades, Hera, Deméter e Héstia.
 - **Mito principal:**
 - Cronos devorava seus filhos por medo de ser destronado. Reia salvou **Zeus** escondendo-o, dando a Cronos uma pedra enrolada em pano no lugar do bebê.
 - **Significado:**
 - Arquétipo da **mãe protetora e estratégica**, que protege a vida e garante a continuidade da ordem divina.
-

Deméter

- **Origem:** Grécia, cultos antigos de agricultura, especialmente em **Eleusis, c. 1500–1200 a.C.**
 - **Função:** Deusa da **agricultura, colheita, fertilidade da terra e ciclo das estações**.
 - **Família:** Irmã de Zeus, mãe de Perséfone.
 - **Mito principal:**
 - Perséfone é raptada por Hades para o submundo. Deméter entra em **luto profundo**, e a terra se torna estéril.
 - Graças a negociações, Perséfone passa parte do ano com Deméter (primavera/verão) e parte com Hades (outono/inverno), explicando **o ciclo das estações**.
 - **Significado:**
 - Arquétipo da **Mãe Terra cultivadora**, protetora da vida, conexão entre vida, morte e renovação.
-

Resumo Arquetípico

- **Gaia** → Terra primordial, a origem de tudo.
- **Reia** → Mãe protetora e estratégica, que mantém a ordem familiar e divina.

O Feminino e a Tradição

- **Deméter** → Fertilidade da terra, sustento e ciclos da vida e da natureza.

Cibele

- **Origem:** Frígia (atual Turquia), cultos datando de **c. 2000–1000 a.C.**, espalhando-se para a Grécia e depois Roma (aproximadamente 250 a.C. em Roma).
 - **Função:** Deusa da **Terra, fertilidade, montanhas e natureza selvagem**.
 - **Apelidos:** Magna Mater (“Grande Mãe”) pelos romanos.
 - **Símbolos:** Coroa mural (representando cidades fortificadas), leões, trombetas, altares com a terra e ritos de culto acompanhados de música e dança frenética.
-

Mitos e Culto

1. Origem e culto

- Inicialmente adorada na **Frígia**, considerada **mãe dos deuses e das cidades**.
- Seus cultos eram centrados em **altares ao ar livre, montanhas e santuários naturais**.
- Os rituais eram muitas vezes **extáticos**, com dança, tambores e música para entrar em transe.

2. Relação com Attis

- Attis era um jovem pastor ou sacerdote amado por Cibele.
- Ele se castra em um ato de devoção e, em algumas versões, morre ou é transformado.
- Este mito simboliza a **fertilidade da terra, ciclos de morte e renascimento**, similar a Deméter e Perséfone na Grécia.

3. Adaptação romana

- Em Roma, **Cibele Magna Mater** foi introduzida para proteger o império e trazer prosperidade.
 - Cultos romanos enfatizavam sua **força protetora e poder civilizatório**, além da fertilidade da terra e abundância.
-

Significado Arquetípico

- Cibele é a **Deusa Mãe cósmica e terrena**: nutridora e protetora, mas também ligada à força bruta da natureza.
- Arquétipo da **mãe selvagem e soberana**, conectando civilização e natureza.
- Representa a **força feminina primordial**, a potência criativa que sustenta vida, cidades e ciclos naturais.

